

Cresce drama na fila de transplante

Conseguir doador já não significa fim da agonia. Faltam médicos e estrutura no Hospital de Base

SAMANTA SALLUM

Conseguir um doador não é mais a maior dificuldade encontrada por aqueles que aguardam, numa longa fila, a vez de fazer um transplante de rim ou de córnea. O problema agora é a falta de condições cirúrgicas, principalmente a carência de anestesistas, no Hospital de Base, que é o único no DF a realizar esses tipos de transplantes. Atualmente, 45 pessoas, que já encontraram um doador de rim aguardam uma vaga na concorrida agenda de cirurgias do Programa de Transplante Renal do Hospital de Base. O tempo de espera para essas pessoas pode se arrastar por mais de dois anos.

O presidente da Associação dos Renais de Brasília (Arebra), Marinho Romário Valente, alerta que, durante esse longo período, a pessoa que já conseguiu um doador, geralmente um familiar, corre o risco de perdê-lo. Pois as condições de saúde do doador podem se alterar, impossibilitando a cirurgia. "O renal se engana ao pensar que conseguiu solucionar seu problema quando encontra um doador. Depois, ele ainda tem que enfrentar uma sofrida e arriscada espera para concretizar o transplante no Hospital de Base", diz Marinho.

Mortes - Marinho Valente afirma que morrem uma média de dez renais por mês na fila de espera dos transplantes. "Os que são pobres não podem comprar os remédios e seguir a dieta. Ficam debilitados e não resistem", conta.

Além dos 45 que já encontraram um doador vivo, há mais 300 pessoas na fila. Todas necessitam de um doador cadáver. No total, há 600 doentes renais crônicos no DF que dependem da diálise,

tratamento que substitui parcialmente as funções dos rins, possibilitando a limpeza do sangue. O custo de cada paciente para o Sistema Único de Saúde é de cerca de R\$ 1 mil por mês. E o custo da cirurgia de transplante é de R\$ 10 mil.

Revolta - O Hospital de Base realiza um transplante de rim por semana. Ano passado foram feitas 55 cirurgias. Mas, este ano, o número deve cair e isso já causa revolta ao presidente da Arebra. "Na realidade, não é possível atender à demanda. Esse número não consegue atingir nem 10% dos 600 que necessitam do transplante". Marinho denuncia também que há apenas um médico no laboratório que realiza exames de compatibilidade. "Quando ele adoece ou sai de férias, os transplantes são interrompidos".

O presidente da comissão regional de Nefrologia do DF e integrante da equipe do programa de Transplante do Hospital de Base, João Batista Pinto, apresenta números mais otimistas. Segundo ele, o DF é o maior centro transplantador de rins do País. "Aqui são feitos, anualmente, 30 transplantes renais por milhão de habitantes. É um número maior do que a média do

País e equivalente ao dos países do primeiro mundo", diz o médico.

João Batista informa que o programa de transplante de órgãos do Hospital de Base é referência para todo Centro-Oeste, Norte e Nordeste. Por esse motivo e por ter a média mais alta de transplantes renais do País, o DF foi escolhido pela Associação Brasileira de Transplantes de Órgãos (ABTO) para sediar o seu V Congresso. É a primeira vez que se realiza o congresso fora do Eixo Rio-São Paulo.

Fotos: Marcos de Oliveira



Luana, 5 anos, que recebeu o rim de seu pai, Adelson Araújo, foi operada no Hospital de Base e passa bem